

10 de novembro de 1949

MEIO DE SEMANA

Ora, direis, ainda há no mundo coisas que não foram ditas. Ainda, pelo espírito dos homens, não passou a totalidade das expressões que deverá corresponder a todas as coisas, modos e situações do universo. E no entanto, quando contemplamos os cemitérios de livros e de jornais que morreram, quando sentimos a quantidade aterradora de papel impresso que já teve o seu momento de supremo interesse e depois naufragou no esquecimento da inutilidade, começamos a pensar, com certa melancolia, na tenacidade de todos esses esforços alimentados pela ilusão. Ninguém pensa em termos coletivos quando está criando, fazendo alguma coisa, dando de si mesmo o melhor que pode dar. No ilusório individualismo do homem repousa essa força dadivosa, e é por ele que os homens vão se desprendendo de suas riquezas pessoais. Mas raramente aprofundam suas meditações a ponto de sentirem que estão agindo em função dos outros, e são sempre os outros que modelam o estilo de suas existências. Gozam, e isso é necessário, gozam a ilusão das aparências, e esse sabor de coisa privada de ser o único, de ser pessoalmente a sua própria pessoa, é indispensável para que continue a trabalhar e a criar. Nesse infinito rio de papel impresso que vem de ontem e corre pelo tempo sem termo, encontra o espírito humano o seu espelho. Sem termos lido Horácio, a poesia do mundo que nos envolve está impregnada de sua presença. Sem termos lido Platão, seu pensamento vem ao nosso encontro toda vez que mergulhamos na lâmina do rio que corre para sempre. Os primeiros frutos da virgindade do mundo nos acompanham. O primeiro pensamento que se dilatou no espírito assombrado continua entre nós, ativo e palpitante. Quando o mundo era um puro espetáculo onde ainda não destilara seu estilo de indagação e de interpretação a verruma da

inteligência, o esforço para a descoberta e as colheitas da poesia eram fáceis. Gide faz referências aos planaltos do espírito, quando os homens começavam a criar sobre a terra os instrumentos da inteligência e os caminhos da sensibilidade. Nesses planaltos todos os frutos estavam à espera da colheita. Sobrou para os modernos a região das montanhas difíceis, a sombra das florestas onde os antigos não puderam penetrar.

A onda que vem de ontem e que vai para o incerto amanhã, reflete o presente de passagem, na sua superfície que delimita o fluxo da história do espírito, que vai se precipitar para os momentos futuros. Esse instante de agora, esta pausa ilusória no tempo, que recebe a expressão dos homens de hoje, é feita de todas as contribuições dos mortos e contém os sonhos de todos os tempos. Ninguém se isola no seu poder e na sua originalidade. Nos microscópicos detalhes da vida, que somos nós e as nossas tendências, parecemos únicos como os desenhos papilares dos arquivos datiloscópicos. Mas sob a lente amplificadora das distâncias, mal se adivinha o sulco de nossos caminhos pelas horas do mundo.